

## VARIAÇÃO FONOLÓGICA EM VERBOS COM TERMINAÇÕES EM *-EAR* (*CHANTAGEAR*) E *-IAR* (*VARIAR*)<sup>1</sup>

*PHONOLOGICAL VARIATION IN VERBS ENDING IN -EAR (CHANTAGEAR) AND -IAR (VARIAR)*

Thaís Cristófaró Silva

Universidade Federal de Minas Gerais, CNPq, Fapemig

Carlo Sandro de Oliveira Campos

Universidade Federal de Minas Gerais, Fapemig

### Resumo

Este artigo analisa a variação entre vogais médias e altas relacionada com formas verbais irregulares do português brasileiro que apresentam terminações infinitivas em *-ear* (*chantagear*) e *-iar* (*variare*). Nesses dois grupos de verbos, observamos formas padrão do tipo *chantag[e]ia* e *var[i]a*, bem como formas consideradas não padrão como *chantag[i]a* e *var[e]ia*. Consideraremos também o grupo de verbos regulares em que não atestamos variação: *estr[εi]a*. Em análise baseada na Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001), mostraremos que o efeito de frequência de tipo aliado a um conjunto de verbos com comportamento morfológico marcado oferece instrumentos para explicar por que os falantes generalizam os padrões morfofonológicos de verbos em *-ear* (*chantagear*) como verbos em *-iar* (*variare*) e vice-versa. Explicaremos também porque formas como *estr[εi]a* não apresentam variação.

**Palavras-chave** : Fonologia. Variação. Vogais médias.

### Abstract

This paper deals with the variation between mid and high vowels related to verbal forms in Brazilian Portuguese ending in *-ear* (*chantagear* “to blackmail”) and *-iar* (*variare* “to vary”). In these two sets of verbs one observes standard forms such as *chantag[e]ia* and *var[i]a* and also non-standard forms such as *chantag[i]a* and *var[e]ia*. It will also be considered regular verbs in *-ear* that did not show variation: *estr[εi]a*. Based on Usage-Based Phonology (BYBEE, 2001) and Exemplar Model (PIERREHUMBERT, 2001) we will show that in verbs ending in *-ear* and *-iar* type frequency and special verbs contribute to speakers generalize morphological marked patterns. This offer instruments to explain why speaker generalize morphophonological patterns for verbs ending in *-ear* (*chantagear*) as verbs ending in *-iar* (*variare*). We will also explain why a form like *estr[εi]a* does not present variation.

**Keywords**: Phonology. Variation. Mid vowels.

<sup>1</sup> Os autores agradecem o apoio ao CNPq, bolsa PQ 304076/2008-2; ao PPM-FAPEMIG 13756 e apoio da FAPEMIG na forma de bolsa de Doutorado.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste artigo analisamos a variação entre vogais médias e altas relacionada com formas verbais irregulares com terminações infinitivas em *-ear* (*chantagear, chatear*) e *-iar* (*variar, acariciar*). Nos verbos regulares que apresentam vogais médias no radical, como, por exemplo, *esp[e]rar*, observamos que, em posição tônica, a vogal média deve ser aberta: *eu esp[ɛ]ro*. Em verbos irregulares, a vogal média pode apresentar pronúncias diversas em posição acentuada. Para uma análise abrangente dos verbos irregulares dessa natureza, ver Campos (2005).

Consideremos, então, as formas verbais irregulares com terminações infinitivas em *-ear* e *-iar*, que são o tema deste artigo. Verbos irregulares em *-ear* apresentam tipicamente vogais médias fechadas em posição átona de formas flexionadas: *eu chantag[ei]o, você/ ele/ela chantag[ei]a*, mas podem, eventualmente, ter tais vogais abertas ou, frequentemente, alçadas: *eu chantag[ɛi]o, eu chantag[i]o, você/ ele/ela chantag[ɛi]a, você/ ele/ela chantag[i]a*. Verbos em *-iar* apresentam tipicamente vogais altas em posição tônica de formas flexionadas: *eu amac[i]o, você/ ele/ela amac[i]a*, mas podem também apresentar, em variação, as vogais tônicas como médias: *eu amac[e]io, você/ ele/ela ama[e]ia*.

Neste trabalho, analisamos dados de trinta e dois informantes de Belo Horizonte. Os dados mostram que falantes generalizam os padrões morfofonológicos dos verbos com terminação infinitiva em *-ear* e *-iar*. Argumentaremos que efeitos de frequência de tipo, conjugados com padrões de verbos marcados, e com a organização das redes morfofonológicas explicam por que os verbos com terminação em *-ear* e *-iar* apresentam uma, duas ou três formas em competição. A próxima seção apresenta a perspectiva teórica a ser adotada (BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT). As demais seções do artigo apresentam a metodologia, os resultados obtidos, a discussão dos resultados e as conclusões.

## 2 PERSPECTIVA TEÓRICA

Este trabalho adota a Fonologia de Uso (BYBEE, 2001) e a Teoria de Exemplares (PIERREHUMBERT, 2001, 2003). A Fonologia de Uso assume a Teoria de Exemplares como modelo representacional. De acordo com essas propostas teóricas, a frequência com que os itens lexicais são usados em uma determinada língua afeta a representação mental e a forma fonética das palavras<sup>2</sup>.

São sugeridos dois tipos de frequência: *frequência de ocorrência* e *frequência de tipo*. A frequência de ocorrência é a contagem do número de vezes que um determinado item ocorre em um determinado *corpus*. Por exemplo, se o verbo *variar* em forma infinitiva ocorrer sessenta vezes em um *corpus* qualquer, dizemos que a frequência de ocorrência desse verbo, em forma infinitiva, equivale a sessenta. A frequência de tipo é também chamada de frequência de dicionário e corresponde ao número de vezes que uma

<sup>2</sup> O termo *palavra* é empregado neste artigo como uma unidade de uso que pode ser isolada fonológica e pragmaticamente. *Palavra*, portanto, é vista aqui como uma unidade de produção e percepção que pode compreender um grupo de palavras com significado específico (*chunks*: c.f. BYBEE, 2001).

determinada palavra ou item gramatical, como um sufixo, por exemplo, ocorre na língua. Por exemplo, a frequência de tipo do artigo indefinido singular do português é dois: 1) [ũ] (um), 2) [uma] (uma). Assim, temos dois tipos de artigos indefinidos singular em português (a frequência de tipo é igual a dois). Se quisermos saber a frequência de ocorrência do tipo [uma] deveremos pesquisar quantas vezes o tipo [uma] ocorreu em um determinado *corpus*. As definições apresentadas até aqui nos levam a afirmar que o número bruto de frequência de tipo é menor que o número bruto de frequência de ocorrência.

De acordo com Bybee (2001), a frequência de tipo é, ao menos parcialmente, determinante para a produtividade; ou seja, a frequência de tipo influencia a possibilidade de um determinado padrão poder se aplicar a outras formas da língua. A frequência de tipo é, além disso, importante para determinar o fortalecimento de um padrão fonotático, já que ela é baseada no número de itens que compõem um conjunto ou um padrão de segmentos, palavras, ou itens gramaticais da língua. Assume-se que padrões com alta frequência de tipo são mais aceitáveis que padrões com menor frequência de tipo (BYBEE, 2001).

A Teoria dos Exemplares, por outro lado (PIERREHUMBERT, 2001, 2003), assume que a frequência com que os itens lexicais são usados na língua afeta a representação mental e a forma fonética das palavras. Segundo Pierrehumbert (2001, 2003), as palavras seriam representadas na memória e divididas em exemplares, de acordo com a sua similaridade com outras palavras já representadas. Os exemplares são organizados em rede, em uma espécie de mapa cognitivo e contêm informações linguísticas e não linguísticas. O léxico e a gramática são inter-relacionados nesse modelo. Ambos são interligados pela generalização de memórias fonéticas categorizadas nos exemplares. Palavras semelhantes entre si são organizadas próximas umas às outras, sendo que a semelhança entre as palavras pode ocorrer em vários níveis, como semântico, fonológico, morfológico etc. A Teoria de Exemplares pressupõe que, quanto mais vezes um determinado item ocorrer, mais seu exemplar se torna robusto. O que contribui para a robustez dos exemplares é a ocorrência alta com que um determinado item é utilizado na língua. Exemplares com baixa frequência são, ao contrário, mais frágeis.

De acordo com os modelos adotados, as frequências de tipo e de ocorrência têm efeitos diferentes sobre as mudanças sonoras. Mudanças foneticamente motivadas atingem palavras cuja frequência de ocorrência seja alta. Incluem-se aqui casos de assimilação, por exemplo. Cristóvão Silva e Guimarães (2009) mostram que, em casos de palatalização e de lenição no português brasileiro, as palavras mais frequentes tendem a ser afetadas primeiro. Por outro lado, mudanças sem motivação fonética tendem a ser condicionadas pela frequência de tipo e implementadas em palavras cuja frequência de ocorrência seja baixa (PHILLIPS, 1984; 2001). Este último caso pode ser ilustrado com a alternância de vogais médias na formação de plural em português. Palavras de baixa frequência são atingidas primeiro. Assim, temos dúvidas quanto à forma de plural para palavras que usamos pouco, por exemplo *corvos*. Em palavras de alta frequência, a dúvida não ocorre: *ovos* (TOMAZ, 2006).

Bybee (2001) menciona casos em que, além da frequência de ocorrência, também a frequência de tipo estaria envolvida. A tais fenômenos Bybee (2001) dá o nome de

*generalização fonológica*. Em mudanças por generalização fonológica, padrões de palavras mais frequentes tenderiam a se expandir à custa de padrões menos frequentes da língua. A autora argumenta que, ao contrário de mudanças sonoras motivadas foneticamente, em que seriam esperadas mudanças nos itens mais frequentes, generalizações fonológicas ocorrem, inicialmente, nos itens menos frequentes (BYBEE, 2001, p. 94).

Este artigo contribui com a discussão sobre efeitos de frequência ao sugerir que efeitos de frequência de tipo, conjugados com padrões de verbos marcados e com a organização das redes morfofonológicas explicam por que há variação nos verbos com terminação em *-ear* (*chantagear*) e *-iar* (*variar*) no português brasileiro. Na seção seguinte, descreveremos a metodologia empregada na pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 Coleta de dados

Como mencionamos no início do texto, foram considerados neste artigo dois grupos de verbos, a saber: verbos com terminação em *-ear* (*chantagear*) e verbos com terminação em *-iar* (*variar*). Este artigo reflete, portanto, a análise de verbos desses dois grupos a partir de dados coletados em Campos (2005), cuja análise consistiu de vinte e seis verbos irregulares da primeira conjugação que continham vogal média em seus radicais. Os verbos a serem analisados foram dispostos alternadamente nas formas infinitivas em uma lista com verbos que não tivessem vogais médias nos radicais. Esses verbos, que não fizeram parte dos dados analisados na pesquisa, foram tratados como *distratores*. A inserção de dados adicionais, que denominamos *distratores*, teve o objetivo de evitar que os informantes percebessem que a pesquisa de Campos (2005) visava analisar a vogal média tônica das formas verbais irregulares. Ao lado de cada verbo inserido na lista, foi disposto um dos pronomes pessoais, a saber: *eu*, *você*, *ele* e *ela*, de modo que cada um dos verbos repetiu-se quatro vezes na lista, cada vez acompanhado de um dos pronomes pessoais. Os dados em (1) ilustram parte da lista de verbos apresentados aos informantes. Destacamos em negrito as formas que foram analisadas na pesquisa para diferenciá-las das formas *distratoras*. Os informantes, contudo, receberam o material sem nenhuma diferença gráfica; ou seja, sem negrito ou qualquer outra marca específica que diferenciasse os verbos considerados na pesquisa das formas verbais *distratoras*.

TABELA 1. Formato da lista de verbos em Campos (2005)

bater – ela		rir – você
<b>esvaziar – você</b>		<b>chantagear – ele</b>
curtir – eu		vacinar – ela
cozinhar – eu		<b>grelhar - eu</b>
<b>fechar – ele</b>		apagar – ela

Foi solicitado aos informantes que formulassem uma sentença com o verbo flexionado de acordo com o pronome. Esse procedimento foi adotado com o objetivo de se obterem quatro sentenças no presente do indicativo com cada um dos verbos irregulares da primeira conjugação selecionados para análise. Exemplos ilustrativos foram

inicialmente apresentados com verbos que não eram objeto da pesquisa. Esperava-se que, ao elaborarem as sentenças, os informantes produzissem vogais médias fechadas ou abertas na posição tônica das formas verbais, já que o objetivo central de Campos (2005) era analisar a alternância de vogais médias na morfologia verbal de formas irregulares.

Dos dados verbais obtidos, as vogais médias fechadas ou abertas foram identificadas por meio de análise auditiva. As vogais que não puderam ser identificadas com precisão pela análise auditiva foram analisadas por meio de análise acústica. Estas últimas vogais foram apreciadas em detalhes em Campos (2005) para a avaliação de gradiência fonética.

Para a coleta de dados, foi dito aos informantes que se tratava de um trabalho em que se pretendia investigar a velocidade com que a memória humana trabalha no espaço de tempo entre a formação de uma idéia na consciência até a sua expressão verbal; ou seja, em quanto tempo o cérebro humano seria capaz de transformar uma idéia em palavras. Foi dito aos informantes que palavras muito usadas e palavras menos usadas poderiam ocorrer. Foram dados como exemplo verbos como *comprar* e *viajar*, que são usados com frequência, diferentemente de verbos como *reinar* ou *telegrafar* que não são muito usados. Esperava-se que, com a explicação apresentada, os informantes não percebessem que o interesse da pesquisa era analisar as vogais médias nos verbos em questão.

Houve preocupação em mostrar claramente aos informantes que a avaliação não seria de indivíduos, mas de grupos de indivíduos, sendo assim preservada a identidade dos entrevistados. Os 32 informantes considerados eram todos nascidos e residentes na cidade de Belo Horizonte, na região centro-oeste. Todos os informantes pertenciam a um dos seguintes bairros de Belo Horizonte: Betânia, Gameleira, Jardim América, Nova-cintra, Palmeiras e Salgado Filho. Os dados foram obtidos entre os meses de junho e agosto de 2004. As gravações ocorreram em escolas, praças públicas e residências dos informantes. Os informantes foram agrupados quanto ao sexo (masculino/ feminino), faixa etária (menos de 25 anos/ mais de 30 anos) e grau de escolaridade (ensino fundamental completo ou menos/ ensino médio ou superior).

Os dados que apresentamos neste artigo refletem a coleta de material dos 32 informantes, para os seguintes verbos irregulares: a) terminação *-ear*: *chantagear*, *chatear*, *semear*, *nomear* e b) terminação em *-iar*: *amaciar* e *esvaziar*. Para os verbos com terminação em *-ear* foram analisadas as quatro pessoas verbais (*eu*, *você*, *ele*, *ela*) totalizando 512 ocorrências. Para os verbos com terminação em *-iar* contamos com 160 ocorrências (três pessoas verbais para o verbo *amaciar* e duas pessoas verbais para o verbo *esvaziar*). Adicionalmente, consideramos um verbo regular com terminação em *-ear*: *estrear*.

### 3.2 Seleção dos verbos: efeitos de frequência

A seleção das terminações verbais existentes na primeira conjugação foi realizada na primeira parte da pesquisa no Dicionário Michaelis. O objetivo desta pesquisa em dicionário era verificar a frequência de tipo dos verbos a serem analisados. Numa

segunda etapa, foi realizado um levantamento de frequência de ocorrência no *corpus* do LAEL da PUC de São Paulo e no *corpus* da Linguateca/CETEM que serão descritos na próxima seção. Naturalmente, alguns tipos de verbos encontrados no Dicionário Eletrônico Michaelis não puderam indicar a frequência de ocorrência. Isso decorre do fato de um dicionário registrar todas as palavras da língua, sejam elas usadas contemporaneamente ou não. Já a consulta de frequência de ocorrência utilizou *corpora* de dados de uso contemporâneo na língua.

### 3.2.1 Frequência de ocorrência

Para verificar a frequência de ocorrência dos verbos selecionados, foram utilizados dois meios: 1) uma página na internet denominada Linguateca/CETEM – *Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos ([www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt)), cujo *corpus* é composto de um milhão de palavras oriundas de textos diversos do jornal *A Folha de S. Paulo* e 2) o *corpus* do Instituto LAEL. Nesses dois *corpora*, foi possível verificar a frequência de ocorrência das formas infinitivas e flexionadas de verbos que foram selecionados para a análise. Uma diferença entre os *corpora* do CETEM e do LAEL é que o *corpus* do LAEL fornece as formas verbais com a sua frequência de ocorrência, mas não os trechos dos textos em que as formas ocorreram. Tais textos são disponibilizados no próprio instituto, mas não *on-line*. Ao contrário do *corpus* do LAEL, no *corpus* do CETEM, é possível verificar a fonte de todas as ocorrências acusadas simultaneamente à busca.

Para fazer a pesquisa, foram escolhidas formas infinitivas e formas de primeira, segunda e terceira pessoas. O que justificou a escolha pelas formas infinitivas, de primeira, segunda e terceira pessoas na pesquisa foi o fato de, nas formas infinitivas, as vogais médias serem átonas e, na variedade de Belo Horizonte, serem sempre pronunciadas como vogais médias fechadas: *esp[e]rar* ou *chantag[e]ar*. Já em posição tônica, as vogais podem ser ou não abertas: *eu esp[ɛ]ro* ou *eu chantag[e]io*. Os pronomes escolhidos foram *eu*, *ele* e *ela* porque esses são os pronomes com maior frequência de ocorrência encontrados no *corpus* CETEM.<sup>3</sup> Apesar de não ter frequência muito elevada, o pronome *você* foi incluído pelo fato de sua forma verbal equivalente ser idêntica às formas verbais de terceira pessoa, no presente do indicativo: *você entr[ɛ]ga*, *ele entr[ɛ]ga*. Foi feita a diferenciação entre “*ele*” e “*ela*” nas formas verbais de terceira pessoa para excluir a possibilidade de as vogais médias tônicas dos pronomes *ele* e *ela* poderem influenciar a vogal média tônica da forma verbal. De acordo com essa hipótese, ao contrário da vogal média-alta tônica [e] do pronome *ele*, a vogal média-baixa [ɛ] do pronome *ela* influenciaria, por assimilação, a abertura vocálica da forma verbal<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Eu (17.251), você (10.799), ele (45.190), ela (16.903), vocês (1.114), eles (12.767), elas (4.713), tu (500).

<sup>4</sup> Como: *ele f[e]cha*, mas *ela f[ɛ]cha*, por exemplo. Caso essa hipótese se mostrasse verdadeira, a suposta diferenciação vocálica entre as formas verbais rizotônicas, referentes aos pronomes “*ele*” e “*ela*”, seria um caso evidente de metafoia na primeira conjugação, isto é, uma vogal mudaria de timbre vocálico por assimilação de uma outra vogal de timbre diverso.

#### 4 ANÁLISE

Conforme mencionado na metodologia, a pesquisa desenvolvida por Campos (2005) não teve como objetivo principal investigar verbos com terminação em *-ear* e *-iar*. A discussão apresentada neste artigo avalia os dados que conseguimos obter e que, entendemos, oferecem indícios claros sobre a variação em curso relativa aos verbos terminados em *-ear* e *-iar*.

**TABELA 2.** Dados analisados dos verbos irregulares em *-ear* e *-iar*

	Dados totais
Verbos irregulares em <i>-ear</i>	512
Verbos irregulares em <i>-iar</i>	160

As 512 ocorrências analisadas para os verbos irregulares em *-ear* referem-se à coleta de: 04 verbos x 04 pessoas verbais x 32 informantes. As 160 ocorrências analisadas para os verbos irregulares em *-iar* referem-se à coleta de: 02 verbos x 32 informantes, sendo que, para um dos verbos, tivemos três pessoas verbais e, para o outro verbo, tivemos duas pessoas verbais.

A tabela que segue lista, na primeira coluna, os três grupos de verbos analisados e, para referência, apresenta um tipo de verbo como exemplo. As demais colunas listam, respectivamente, as possibilidades de pronúncia sendo: [ei], [i] e [ɛi]. Para cada pronúncia atestada na vogal tônica da forma verbal, assinalamos um (OK) na tabela. Se uma determinada pronúncia não foi atestada no grupo verbal, indicamos a ausência de dados por (--).

**TABELA 3.** Relação grupo verbal x formas encontradas

Verbos	[ei]	[i]	[ɛi]
Grupo 1 <i>chantagear</i>	OK	OK	OK
Grupo 2 <i>variar</i>	OK	OK	--
Grupo 3 <i>estrear</i>	--	--	OK

Os dados mostram que verbos do Grupo 1 e do Grupo 2 podem apresentar a vogal tônica da forma verbal com a vogal média fechada em ditongo; ou seja, [ei], como em *chantag[ei]o*, *var[ei]o* e também formas com uma vogal alta, como em *chantag[i]o* e *var[i]o*. Verbos do Grupo 1 podem apresentar também uma vogal média aberta em ditongo em posição tônica: e.g. *chantag[ɛi]o*. Esta última possibilidade não foi atestada para verbos do Grupo 2: *\*var[ɛi]o*. Portanto, verbos do Grupo 1 apresentam três possibilidades de pronúncia para a vogal tônica nas formas verbais analisadas. Verbos do Grupo 2 apresentaram duas possibilidades de pronúncia para a vogal tônica nas formas verbais analisadas. O Grupo 3 apresentou sistematicamente uma única possibilidade de pronúncia para a vogal tônica: [ɛi], como em *estr[ɛi]o*. Neste artigo pretendemos explicar por que alguns grupos de verbos apresentam uma única

possibilidade de pronúncia, enquanto outros grupos de verbos podem apresentar mais de uma possibilidade de pronúncia.

Consideremos inicialmente verbos do Grupo 3. O fato de os verbos desse grupo apresentarem uma única pronúncia para a vogal média tônica explica-se por serem tais verbos regulares. Assim, de maneira similar aos verbos regulares, como, por exemplo, *esp[e]rar*, a vogal tônica das formas verbais do grupo 3 serão sistematicamente abertas: *esperar* → *esp[ɛ]ro* e *estrear* → *estr[ɛ]io*. Portanto, não atestamos variação no Grupo 3 pelas mesmas razões que não atestamos variação nos verbos regulares; ou seja, formas como *\*esp[i]ro* ou *\*esp[ɛi]ro* não são atestadas em variação com a forma regular *esp[ɛ]ro*. Entendemos que formas verbais regulares que têm frequência de tipo e de ocorrência altas apresentam padrões robustos e sujeitos a pouca variação. Resta-nos discutir os verbos irregulares em *-ear* e *-iar* e buscar explicações quanto à variabilidade atestada. Portanto, focaremos a análise dos dados relativos à variação da vogal tônica nas formas verbais dos Grupos 1 e 2. Considere os seguintes dados:

**TABELA 4.** Relação entre grupo verbal x formas encontradas<sup>5</sup>

Verbos	[ei]		[i]		[ɛi]		N
Grupo 1 <i>chantagear</i>	479	94%	26	5%	07	1%	512
Grupo 2 <i>vari</i>	15	9%	145	91%	0	0%	160
TOTAL N	494		171		07		672

A limitação da quantidade de dados não nos permite uma análise quantitativa detalhada, mas nos permite formular algumas generalizações e apontar caminhos para futuras pesquisas. Para verbos do Grupo 1, observamos que 94% dos dados referem-se ao padrão esperado com o ditongo [ei]: *chantageia*. Para verbos do Grupo 2 observamos que 91% dos dados referem-se ao padrão esperado com a vogal [i]: *varia*. Portanto, podemos afirmar que as formas verbais irregulares esperadas representam a maioria dos dados obtidos; ou seja, o padrão morfológico irregular ocorre majoritariamente. Contudo, embora o padrão morfológico irregular seja majoritário, há variantes inovadoras, que apresentam entre 5% e 9% de ocorrência.

Consideremos, inicialmente, os 5% de dados do Grupo 1, de terminação em *-ear*, com relação a pronúncia [i] (26/512) e os 9% de dados do Grupo 2, de terminação em *-iar*, com a pronúncia [ei] (15/160). A tabela que segue indica a frequência de ocorrência para cada verbo analisado. Foram listadas também as possibilidades de pronúncia atestadas. Marcamos com preenchimento em cinza os casos que indicam a pronúncia da forma alternativa, ou não-padrão, não esperada, para cada verbo.

Ao analisarmos cada verbo separadamente, verificamos que formas com o ditongo [ɛi] ocorreram nos quatro verbos irregulares em *-ear* que foram (*chatear*, *chantagear*, *seme*, *nome*) em 1% (7/512). Destacamos que essas formas foram atestadas para três das quatro pessoas verbais analisadas.<sup>6</sup> Apenas cinco informantes apresentaram a

<sup>5</sup> Os dados percentuais foram arredondados para números inteiros.

<sup>6</sup> As 07 formas foram assim distribuídas: eu (01 caso), você (nenhum caso), ele (05 casos) e ela (01 caso).

pronúncia com o ditongo [ɛi].<sup>7</sup> Tais formas são, portanto, marginais, mas são relevantes uma vez que se restringem aos verbos com terminação em *-ear*. Retomaremos esta questão mais adiante.

**TABELA 5.** Frequência de ocorrência x dados obtidos

	Verbo	Token	[ei]	[i]	[ɛi]
Grupo 1 <i>Chantagear</i>	Chantagear	130	100	26	02
	Chatear	73	127	0	01
	Semear	173	126	0	02
	Nomear	1528	126	0	02
Grupo 2 <i>Variar</i>	Amaciar	62	10	86	0
	Esvaziar	875	05	58	0
	TOTAL		496	169	07

A vogal alta [i] ocorreu somente num dos verbos analisados, o verbo *chantagear*, em 5% dos casos (26/512). A pronúncia com a vogal alta [i] ocorreu para todas as pessoas verbais analisadas.<sup>8</sup> Um total de 13 dos 32 informantes apresentou, para uma das formas verbais analisadas, a pronúncia com a vogal [i] (40,5% dos entrevistados). O fato de apenas um dos quatro verbos analisados apresentar formas não esperadas oferece indícios de que o fenômeno esteja operando por Difusão Lexical (WANG, 1969); ou seja, cada palavra é afetada individualmente. Como previsto pela Fonologia de Uso, padrões de difusão lexical expressam a organização do componente sonoro. Uma pesquisa mais ampla poderá investigar um grupo maior de verbos que se encaixem no Grupo 1, ou seja, com a terminação verbal em *-ear*, para diagnosticar quais seriam os possíveis verbos sujeitos ao fenômeno.<sup>9</sup> Efeitos de frequência de ocorrência não oferecem evidências para o fato do verbo *chantagear* ter comportamento diferenciado dos demais verbos (frequências de ocorrência são: *Chantagear*: 130; *Chatear*: 73; *Semear*: 173 e *Nomear* 1528).<sup>10</sup> Argumentaremos mais adiante neste artigo que a variação atestada decorre de efeitos de frequência de tipo relacionados aos verbos do Grupo 1 e 2.

Com relação aos verbos do Grupo 1, podemos concluir que, nos dados que analisamos, todos os verbos apresentaram pelo menos uma pronúncia com o ditongo [ɛi] e que apenas o verbo *chantagear* apresentou a pronúncia com a vogal [i]. A pronúncia com a

<sup>7</sup> Inf 01 (sexo feminino, idade acima de 30 anos, com escolaridade), Inf 03 (sexo feminino, idade acima de 30 anos, com escolaridade), Inf 05 (sexo feminino, idade acima de 30 anos, pouca escolaridade), Inf 25 (sexo masculino, idade menor que 25 anos, com escolaridade) e Inf 30 (sexo masculino, idade acima de 30 anos, com pouca escolaridade).

<sup>8</sup> As 25 formas com a vogal [i] no verbo *chantagear* foram assim distribuídas: eu (04 casos), você (09 casos), ele (09 casos) e ela (03 casos).

<sup>9</sup> Em pesquisa assistemática, ou seja, de registro de campo sem planejamento específico, atestamos formas com a vogal alta [i] nos seguintes verbos irregulares com terminação em *-ear*: *homenagear*, *basear*, *rastrear*, *presentear*, *sortear*.

<sup>10</sup> Esses dados de frequência são provenientes de *corpus* de escrita e refletem dados da forma no infinitivo. A busca pelas formas pronominais seguidas das formas verbais não foi possível com o *corpus* que utilizamos. A utilização de *corpora* de fala podem oferecer informações relevantes sobre o efeito de frequência. Infelizmente, não temos acesso a *corpora* de fala do português de amplo escopo.

forma regular padrão em [ei] foi majoritária. Passemos, então, a considerar formas verbais do Grupo 2 dos verbos com terminação em *-iar*. Vimos que, no Grupo 2, não ocorreu, em nossos dados, a pronúncia com o ditongo [ei]. Contudo, os dois verbos analisados, *amaciar* e *esvaziar*, apresentaram pronúncias com o ditongo [ei], além da pronúncia majoritária com a vogal [i]: *esvaz[ei]a* e *esvaz[i]a*. A pronúncia com o ditongo [ei] ocorreu para todas as pessoas verbais analisadas.<sup>11</sup> Um total de 08 dos 32 informantes apresentou, para uma das formas verbais analisadas, a pronúncia com o ditongo [ei] (25% dos informantes).

Os dados indicam que a variação com formas não-padrão dos verbos irregulares do Grupo 2 (9%), com terminação em *-iar*, é mais produtiva do que a variação que envolve os verbos do Grupo 1 (5%). Essa afirmação decorre do fato de todos os verbos analisados apresentarem dados de variação, mesmo sendo apenas dois verbos (no caso do Grupo 1 somente o verbo *chantagear* apresentou formas alternativas, dentre quatro verbos analisados). Destaca-se também o fato de que todas as pessoas verbais do Grupo 2 apresentam dados de variação, bem como 25% dos informantes. Efeitos de frequência de ocorrência não parecem oferecer indícios para os casos de variação do Grupo 2. Isso porque a frequência de ocorrência atestada para esses dois verbos, i.e., *amaciar* 62 e *esvaziar* 875, mostra que tanto um verbo com frequência de ocorrência alta quanto um verbo com frequência de ocorrência baixa apresentam os dados de variação que estamos analisando.

Com relação aos verbos do Grupo 2, podemos concluir que, nos dados que analisamos, todos os verbos apresentaram pelo menos uma pronúncia com o ditongo [ei] além da pronúncia majoritária com a vogal [i]. A pronúncia com a vogal aberta [ɛi] não foi atestada nesta pesquisa para este grupo de verbos.

A tabela que segue mostra as possibilidades de pronúncia atestadas para cada grupo de verbos. Na tabela, o sinal > indica que a pronúncia que precede o sinal é maior que a pronúncia que o segue:

**TABELA 6.** Relação grupo verbal x formas encontradas

Verbos	
Grupo 1 <i>chantagear</i>	[ei] > [i] > [ɛi]
Grupo 2 <i>variar</i>	[i] > [ei]
Grupo 3 <i>estrear</i>	[ɛi]

Na próxima seção, discutiremos os resultados apresentados e argumentaremos que a frequência de tipo dos verbos do Grupo 1 e 2, conjugada com formas verbais marcadas e com a organização de redes morfofonológicas apontam direções para compreendermos a variação atestada.

<sup>11</sup> As 15 formas com o ditongo [ei] foram assim distribuídas: eu (06 casos), você (04 casos), ele (02 casos) e ela (03 casos).

#### 4 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De acordo com Said Ali (1966, p.138), a flexão dos verbos da primeira conjugação com terminações infinitivas em *-ear* (*chatear*) e *-iar* (*esvaziar*) no presente do indicativo singular provoca, há muito tempo, confusões entre os falantes sobre sua pronúncia. De fato, o que ocorre é que verbos irregulares com terminação em *-ear* e *-iar* apresentam variações de pronúncia. A partir dos resultados obtidos, buscaremos entender melhor a natureza da variação entre os verbos irregulares com terminação em *-ear* e *-iar*.

Vale ressaltar que as terminações verbais infinitivas do Grupo 1 *-ear* (*chantagear*) e do Grupo 2 *-iar* (*variar*) são foneticamente idênticas: [iah] ou [iar]. Portanto, a forma infinitiva de verbos do Grupo 1 e 2 compartilha a mesma pronúncia na forma infinitiva. Sugerimos que a relação entre as formas fonéticas de infinitivo oferecem elementos para que ocorra a interação entre as formas flexionadas do paradigma verbal. O diagrama da Figura 1 ilustra um esquema de rede de interação entre formas verbais infinitivas e flexionadas do tipo sugerido por Bybee (1985, 2001).

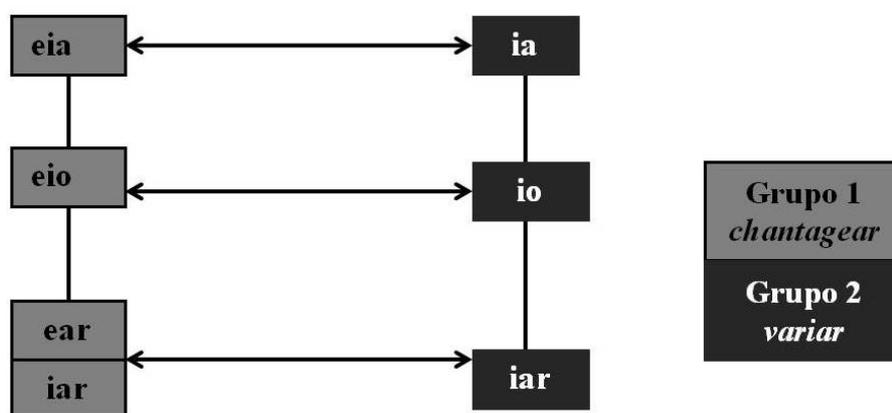


FIGURA 1. Esquema da relação entre verbos do Grupo 1 e Grupo 2

O esquema da Figura 1 expressa que formas como *chantagear* podem ser pronunciadas tanto *chantag[e]ar* quanto *chantag[i]ar*. Neste último caso, *chantag[i]ar*, as formas de infinitivo têm terminação fonética semelhante à dos verbos do Grupo 2. Havendo relação nas formas de infinitivo, há relação nas demais formas do paradigma, como previsto no modelo de rede em morfologia (BYBEE, 1985). Notemos que a rede apresentada na figura 1 mostra que verbos do Grupo 1 podem se comportar como verbos do Grupo 2 e vice-versa.

A rede que alinhava as formas verbais irregulares terminadas em *-ear* e *-iar* tem, adicionalmente, um conjunto de verbos que denominaremos *verbos marcados* em *-iar*. Estes verbos são: *odiar*, *incendiar*, *ansiar*, *mediar*, *remediar*. Tais verbos têm terminação do infinitivo em *-iar* (*variar*), mas são flexionados, excepcionalmente, no presente do indicativo singular como os verbos com terminação em *-ear*; ou seja, o verbo *odiar* cuja forma infinitiva pertence ao Grupo 2, é flexionado como verbos do Grupo 1: *eu odeio*,  *você odeia*, *ele/ela odeia* (ao invés da flexão esperada para o Grupo 2: *eu odio*,  *você odia*, *ele/ela odia*).

Sugerimos que esse conjunto de *verbos marcados* contribui para que a rede morfofonológica seja sedimentada entre os verbos do Grupo 1 e 2. Assim, os verbos do Grupo 1 e 2 podem ter seus padrões morfofonológicos analisados pelos falantes como pertencendo a uma categoria da mesma natureza. Tal rede explica a observação de Said Ali (1966) quanto às confusões entre os falantes sobre a pronúncia das formas verbais irregulares em *-ear* (chatear) e *-iar* (esvaziar).

Consideraremos um estudo sobre as formas de plural em português e depois retomaremos a alternância vocálica em formas verbais que estamos analisando.

Huback (2005) discute casos de formas de plural no português brasileiro adotando a Fonologia de Uso e a Teoria de Exemplares. A autora mostra que casos potenciais de mistura de padrões morfofonológicos são resolvidos, em maior tendência, pelo padrão com maior frequência de tipo. Huback (2005) analisa as formas de plural em *ão*. A autora mostra que o padrão regular de formação de plural em português é com a adição de *-s*: *casa/casas*, *livro/livros* etc. Contudo, Huback argumenta que, embora a forma de plural adicionando *-s* seja possível nos casos de formas em *ão*: *mão/mãos* ou *cidadão/cidadãos*, os casos de variação observados por ela são sistematicamente em direção ao padrão morfofonológico que apresenta maior frequência de tipo: que é a formação do plural em *-ões*. Assim, temos formas de plural como *cidadões* no lugar de *cidadãos*. Contudo, em monossílabos *mãos/mãos* e em palavras de alta frequência de ocorrência *irmão/irmãos*, a variação em direção ao padrão com maior frequência de tipo não é atestada (ou seja, *mões* para *mãos* e *irmões* para *irmãos* não foram atestados em seus dados).

Huback (2005) argumenta que os itens com alta frequência de ocorrência não são afetados por terem representações robustas. Por outro lado, as formas variáveis em direção à formação de plural com maior frequência de tipo, ou seja, em *-ões*, afeta as palavras menos frequentes em primeiro lugar. A proposta de Huback (2005) segue a discussão teórica de Bybee (2001) e Phillips (1984, 2001) com relação a casos de variação que apresentam comportamento análogo. Como sugerido em Bybee (2001), a frequência de tipo influencia a aplicação de um determinado padrão a outras formas da língua, como já mencionamos anteriormente.

Retomando os casos de formas verbais irregulares com terminações em *-ear* e *-iar* que estamos analisando, observamos que a frequência de tipo do Grupo 1 (541) é maior que a frequência de tipo do Grupo 2 (423);<sup>12</sup> ou seja, há maior número de verbos com o padrão do Grupo 1 que verbos com o padrão do Grupo 2. Como vimos na apresentação dos resultados, os dois verbos analisados com a terminação em *-iar*, do Grupo 2, apresentaram formas variáveis compatíveis com o padrão dos verbos do Grupo 1. Entendemos que essa variação esteja relacionada ao maior número de tipos de verbos do Grupo 1 em comparação com verbos do Grupo 2. Assim, a generalização morfofonológica vai em direção ao padrão com maior número de tipos. Portanto, argumentamos que a frequência de tipo indica a direção das formas inovadoras: do Grupo 2 para o Grupo 1. Adicionalmente, a relação entre os dois grupos de verbos é

---

12 A frequência de tipo foi obtida por meio de consulta ao dicionário Michaelis online, em agosto 2004.

fortalecida pelos *verbos marcados*, que excepcionalmente pertencem na forma infinitiva ao Grupo 2, mas que são flexionados como verbos do Grupo 1.

Vimos, na apresentação dos resultados, que verbos do Grupo 2 (*variar*) não apresentam formas com o ditongo [ɛi]. Contudo, verbos do Grupo 1 (*chantagear*) podem apresentar formas com o ditongo [ɛi]. Por exemplo, formas como *eu chantag[ɛi]o*, *ele chat[ɛi]a*, *ela sem[ɛi]a* e *ele nom[ɛi]a* foram atestadas em nossos dados. Mencionamos que há um grupo de verbos regulares com a terminação em *-ear* cuja flexão se dá com o ditongo [ɛi]: *eu estr[ɛi]o*, *você/ ele/ ela estr[ɛi]a*. Esse verbo pertence ao padrão de verbos regulares que, de maneira geral na morfologia do português, conta com um padrão morfofonológico de tipos numerosos, sendo um padrão robusto. Embora verbos do Grupo 3, como *estrear*, apresentem baixo número de tipos, 36 verbos, o padrão da classe de verbos regulares é forte e consolidado e faz com que o verbo *estrear* mantenha o paradigma de flexão regular como previsto. Por essa razão, formas como *eu estr[ɛi]o*, *você/ ele/ ela estr[ɛi]a* são recorrentes e formas como *\*eu estr[ei]o*, *você/ ele/ ela estr[ei]a* ou *\*eu estr[i]o*, *você/ ele/ ela estr[i]a* não foram atestadas; ou seja, essas formas não ocorrem pela mesma razão que uma forma como *\*eu esp[ei]ro* ou *\*eu esp[i]ro* não ocorre em competição com a forma do verbo regular *eu esp[ɛ]ro*.

Uma observação deve ser feita com relação aos verbos regulares e irregulares em *-ear*. Os verbos regulares em *-ear* têm duas pronúncias possíveis nas formas de infinitivo: [ear] e [iar], por exemplo em *estrear*. Já os verbos irregulares, do Grupo 1, em *-ear*, têm também duas pronúncias possíveis nas formas de infinitivo: [ear] e [iar], por exemplo em *chantagear*. Assim, os verbos regulares e irregulares em *-ear* compartilham a pronúncia [ear]. Ao compartilharem formas fonéticas semelhantes nas formas infinitivas, são acionadas, em rede, as formas verbais flexionadas. A Figura que segue ilustra a relação entre os três grupos de verbos analisados neste artigo.

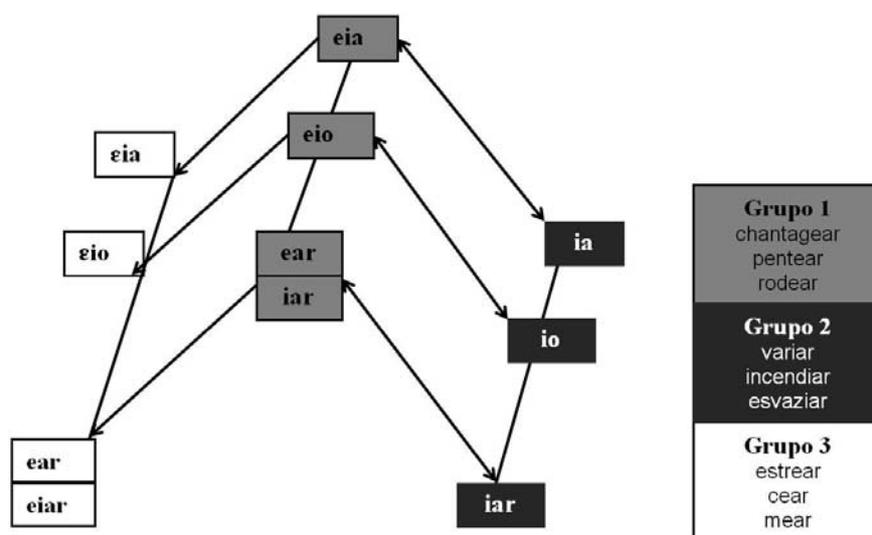


FIGURA 2. Esquema entre os grupos de verbos analisados

As formas fonéticas semelhantes nas formas infinitivas dos verbos do Grupo 1 e do Grupo 3 acionam, em rede, as formas verbais flexionadas. Assim, verbos do Grupo 1 têm motivação para apresentarem formas com [ɛi]: *chantag[ɛi]a*, por exemplo. Esse é

exatamente o caso para dados que consideramos do Grupo 1. Verbos do Grupo 3 não se manifestam como verbos do Grupo 1 porque são verbos regulares e, por essa razão, comportam-se de maneira robusta conforme mencionamos anteriormente neste artigo. Os resultados apresentados e a discussão mostram que efeitos de frequência de tipo, conjugados com padrões de *verbos marcados*, e redes morfofonológicas explicam por que os verbos com terminação em *-ear* e *-iar* apresentam uma, duas ou três formas em competição.

## 5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, tratamos da variação das vogais médias e altas anteriores em posição tônica em formas flexionadas dos verbos com terminações em *-ear* (*chantagear*) e *-iar* (*variar*). Nesses dois grupos de verbos, observamos formas padrão do tipo *chantag[e]ia* e *var[i]a*, bem como formas consideradas não padrão como *chantag[i]a* e *var[e]ia*. Em análise baseada na Fonologia de Uso (BYBEE, 1985; 2001) e na Teoria de Exemplos (PIERREHUMBERT, 2001), mostramos que o efeito de frequência de tipo, aliado a um conjunto de verbos com comportamento morfológico marcado, oferece instrumentos para explicar por que os falantes generalizam os padrões morfofonológicos de verbos do Grupo 1 como verbos do Grupo 2 e vice-versa. Mostramos também que verbos regulares terminados em *-ear*, por exemplo *estrear*, apresentam sistematicamente uma vogal aberta nas formas flexionadas: *eu estr[ɛi]o*, *ocê/ ele/ ela estr[ɛi]a*. Sugerimos que tal comportamento decorre da alta frequência de tipo dos verbos regulares que consolida padrões morfofonológicos robustos. Pesquisas futuras devem investigar um maior número de verbos, informantes com maior variabilidade de padrões sociais (idade, escolaridade, etc.) e avaliar mais amplamente efeitos gerais de frequência de tipo e de ocorrência dos grupos de verbos e dos verbos individualmente, em particular.

## REFERÊNCIAS

ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966. 375 p.

BYBEE, Joan L. **Morphology: A study of the relation between meaning and form**. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

\_\_\_\_\_. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. 237 p.

CAMPOS, Carlo Sandro de Oliveira. **Abertura vocálica em verbos irregulares da primeira conjugação do português: um caso de reestruturação fonotática por generalização fonológica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística). 147 f. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís; OLIVEIRA, Marco Antonio de. On phonological generalization and sound change. In: **10th Manchester Phonology Meeting**, 2002,

Manchester. Abstract booklet: 10th Manchester Phonology Meeting. Manchester: University of Manchester, 2002. 10 p.

\_\_\_\_\_. Variação do “r” pós-consonantal no português brasileiro: um caso de mudança fonotática ativada por cisão primária. **Letras de Hoje**. Porto Alegre. março, 2002. V. 37, n. 1, p. 25-47

HUBACK, A. P. S. Irregular plurals in Brazilian Portuguese: Evidence of mental lexicon. In: **XV Colloquium on hispanic and luso-brazilian literatures and romance linguistics University at Texas at Austin**, 2005, Austin - Texas – USA, 2005.

LINGUATECA. *Corpus* de Extractos de Textos Electrónicos/MCT público. Disponível em: <[www.linguateca.pt](http://www.linguateca.pt)>. Acesso 2003, 2004 e 2005.

PHILLIPS, B. S. Lexical diffusion, lexical frequency, and lexical analysis. 1984. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. J. (Ed.) **Frequency and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.123-136.

PIERREHUMBERT, Janet. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.) **Frequency effects and the emergence of linguistic structure**. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-19. Disponível em: <[www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html](http://www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html)>. Acesso em 2004.

\_\_\_\_\_. Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: BOD, R.; HAY, J.; JANNEDY, S. (Ed.). **Probability Theory in Linguistics**. MIT Press, 2003. p.1-33. Disponível em: <[www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html](http://www.ling.nwu.edu/~jbp/publications.html)>. Acesso em 2004

ROBINSON, John; LAWRENCE, Helen; TAGLIAMONTE, Sali. Goldvarb2001: a multivariate analysis application for windows. Disponível em <[www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/](http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/)>. Acesso em 2004.

TOMAZ, Kátia Silva. Alternância de vogais médias posteriores em formas nominais de plural no português de Belo Horizonte. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.